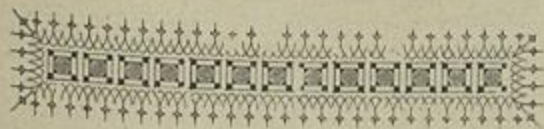


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 655	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,800	595	3120	10 DE MARÇO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,800	2,300	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,800	2,850	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda um resto dos mascarados caminhava nas ruas encharcadas em direcção das casas, ainda a enfiada dos maltrapilhos, ché-chés rotos, zuavos estropiados, vivandeiras bebadas, fadistas em camisa de mulher, não tinham sahido do pateo do Governo Civil em direcção á Boa Hora, e já devotos e devotas ajoelhavam junto á teia da igreja para receber as cinzas.

Uma cruz de cinza em cada testa:

—*Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*—.

E cada um meditava nas palavras do padre e ia pensando de si para si que nem tudo era pó, que nem tudo se havia de transformar em pó.

Agora o que moido, somnolento, aborrecido, massado, azamboado, farto da bulha que ouvira e da bulha que fizera, encaminhava as pernas tropegas para o leito, esse, com certeza, iria pensando que tudo é lama.

Ha recordações tristes, sensabores, que abor-

recem e enojam. Por exemplo: um cheiro de bisnaga em quarta feira de cinzas.

O homem dormiu, acordou já tarde. Ha uma paz na cidade. Nem guisos em carros, nem guitarras, nem cornetas, nem tambores de danças, nem gritarias de mascarados. A memoria ainda somnolenta mal começa a distinguir do sonho confuso a verdade. Ferros velhos na bocca. Sentese quebrado. Pensa e só vê semsaboria. Maldito cheiro a bisnagas!

E enquanto o carnaval em folias corria por essas ruas, enquanto os tremoços cahiam das janellas em saravada, sahia de Moçambique contra os namarraes a expedição portugueza commandada por Mousinho de Albuquerque.

Lembra-te, homem, de que és pó e de que em pó te has de tornar.

Póde esphacelar-se um cadaver, estrumar a terra, transformar-se em planta, que um dia ha de seccar, servir de adubo ás outras que, seccas, o vento leva. Mas dos que foram grandes alguma coisa ha de ficar para a eternidade, para gloria eterna d'uma alma que não morre.

A campanha contra os namarraes começou, senão por uma nova victoria gloriosa, pelo menos por uma nova, gloriosissima prova do alto valor das nossas tropas.

No altissimo e cerrado matto d'aquella parte da nossa provincia de Moçambique, contra pretos

que só combatem de emboscada, não será com certeza facil que em meia duzia de recontros se dê por terminada a campanha. Será preciso tenacidade, grande somma de sacrificios, prudencia e muita paciencia. São outras tantas virtudes de que sempre deram prova os portuguezes e que a estes agora não faltarão decerto para honra e gloria d'elles e alegria nossa.

Todos os dias, anciosamente, se esperam novas

Adeante vão os roçadores a abrir estrada. Entre o matto caminha o exercito arriscado. Que esse caminho seja o da gloria.

É bom termos que pensar n'estas altissimas questões, que tanto interessam Portugal amollecido em vás discussões de politica interna, quando muito boas para apaixonar os vaidosos e ambiciosos.

Agora serenaram essas discussões, como sempre acontece nos primeiros tempos d'um governo novo. Os jornaes estão brandos e tudo por ora são rosas. Fala-se de promessas não cumpridas, de transferencias, de eleições, mas tudo isso por dever de fabricar artigo de fundo e porque é preciso encher columnas.

E entretanto bom era que as férias fossem aproveitadas para resolver muitos problemas da mais alta seriedade, que a todos os governos hoje se impõem em todos os paizes civilisados.

A QUESTÃO DO ORIENTE



ABDUL-HAMID II, SULTÃO DA TURQUIA



O REI JORGE I, DA GRECIA

A crise do trabalho continúa gravíssima.

N'este seculo em que os progressos materiaes maravillham os que mais teem a esperar dos homens de sciencia, se muito se tem estudado tambem para favorecer as classes operarias, é certo que praticamente pouco por ellas se tem feito e que a maior parte dos beneficios devidos aos estudiosos tem recaído sobre cabeças privilegiadas, pouco favorecendo a pobres e até, pelo contrario, ainda muita vez aggravando-lhes horivelmente a miseria.

Na hesitação em que se vive, todos cuidam do presente, fechando os olhos ao futuro, que nunca houve quem soubesse prevêr, e hoje mais do que nunca se envolve em brumas mysteriosas, de aurora que vai nascer ou de pesadêlo.

Póde a sciencia trazer a todos sem excepção o bem estar, mas são sempre dolorosos para os pequenos os tempos de transição.

Em menos de vinte annos maravilha o que a sciencia tem conquistado, quer reduzindo as distancias pelas machinas de vapor, quer annullando-as para o pensamento pelo telegrapho e até para a palavra fallada pelo telephone. A estes verdadeiros milagres de intelligencias poderosas junte-se o phonographo e o animatographo, descobertas de ha dois dias, ainda, pode dizer-se, na infancia.

Mas o heroe do seculo, aquelle a quem mais deve a humanidade, foi sem contestação Pasteur, o qual, se Lesseps mereceu o cognome de *grande francez*, merecidamente levou para a eternidade o de *grande homem*.

Esse, sim, decerto, foi um bemfeitor. A media dos annos da vida humana, devido ao seu engenho, cresceu, quando todos julgavam que a febre do goso, o excesso do trabalho, a lucta pela vida no mundo em que tantas ambições não cabem, seria razão sufficiente para chamar mais depressa a morte.

Pasteur foi o genio do bem.

Estudando os microbios, pequeninos seres cheios de vida, que dão ou tiram a vida, o seu nome, já bendito por tantos industriaes, tornou-se mais tarde digno da veneração da humanidade inteira, foi canonisado por todos os que ao grande chimico devem a vida de entes queridos, que, não fóra elle, haveriam morrido gangrenados, no ardor das febres putridas ou nas contorsões da hydrophobia.

E entretanto Pasteur não fez mais do que escrever o prologo d'um volume enorme, apontar para o caminho de milhares de mundos novos.

Ha tempos, Sousa Martins, uma gloria portugueza, escreveu as mais bellas paginas na mais formosa das linguas, fazendo o panegyrico d'esse santo, que como tal deve ser venerado.

Sublime preito foi esse, digno d'aquelle que lh'o inspirou, digno do sabio professor, que hoje, da mais erudita das assembléas, acaba de receber a honrosissima consagração do seu bello talento.

Quantas vezes, n'esse congresso de Veneza, onde as maiores summidades medicas da Europa se reuniram para tratar da fórma de impedir a expansão da peste bubonica, não terá sido pronunciado com respeito e commoção o nome d'esse prodigioso vulto, que, no seu laboratorio, espreitando horas e horas no microscopio os segredos da vida dos pequeninos seres, tem até hoje salvado mais vidas do que podem matar em annos os calculos balísticos dos melhores generaes do mundo?

Sousa Martins, o illustrado professor da Escola Medica de Lisboa, o medico distincto que toda Lisboa conhece e cujo nome é dos mais sympathicos em todo Portugal, alta capacidade scientifica, coração d'artista, portuguez de lei, vivo como bom peninsular, orador entusiasta e fluyente, acaba de merecer as mais altas distincções, sendo nomeado para dirigir os trabalhos de maior responsabilidade por uma assembléa em que figuravam os nomes mais conhecidos e afamados na classe medica dos principaes paizes da Europa.

E sempre uma satisfação ver um nome de portuguez aureolado; maior, quando essa aureola representa um acto de justiça e concorda com todas as sympathias do nosso coração.

Tinhamos a certeza de que havia de ser assim. Acertar com a prophécia sempre lisongeia uma vaidade.

Mais um de quem, de todo, se não póde dizer: Lembra-te, homem, de que és pó.

E, enquanto o mundo assim caminhar, uns desejando o bem, outros pensando no mal, aquelles procurando honrar a patria, como Mousinho e os seus soldados, outros, como Sousa Martins, escrevendo mais um capitulo da nova biblia, inspirada como a primeira e como ella santa, estes cheios de vaidade e de ambições, agiotando com os pobres, medrando com a calumnia, a maior parte dorme, indifferente, mandando fechar a janella

para não ver a luz, tapando os ouvidos para não ouvir cantos de gloria nem gemidos de afflictos.

Pois não de acordar um dia, queiram ou não queiram, e não de ver o que não desejavam e não de ouvir o que não queriam, que o dever é estar acordado. E estremunhados não de dizer tolices.

Foi isto em ar de sermão porque é quaresma. O *estremunhados* lembrou-me uma historia.

Um soldado, que estava de guarda na cavallaria, adormeceu. Acordou o, sacudindo-o, o official da ronda.

— Que é isso? Estavas a dormir!

O soldado, muito atrapalhado, esfregando os olhos:

— Não, sr., não estava. Ora essa...!

E o official, para o experimentar:

— Não estavas? Então, vamos lá a saber. De que morreu aquelle cavallo?

— O cavallo?... Ah! O cavallo estava... estava... parecia que estava bem. E, derepente começou: — Ai, Jesus! Ai, Jesus! Ai, Jesus!... E foi-se!

João da Camara.

A QUESTÃO DO ORIENTE

Os acontecimentos — A Ilha de Creta — O rei Jorge da Grecia e outras personagens da questão

As noticias que do Oriente chegam aos centros politicos da Europa provam a existencia imminente de uma conflagração geral, caso a diplomacia não consiga sanar as melindrosas difficuldades que se levantam na eterna questão do Oriente.

Creta, a antiquissima ilha do Mediterraneo, é o pomo da discordia entre as potencias, que buscam encapotadamente o desmembramento da Turquia, para se arrojamem sob os ricos despojos.

Dominar todavia o impeto bellicosos da Grecia, não é missão facil, porquanto as opiniões cultas se inclinam para os gregos cuja attitudé é determinada por odio de raça e de religião, e ainda — talvez — pelo apoio occulto da Russia e da Inglaterra. As gravissimas circumstancias, de que se reveste a questão, teem pois suscitado um enorme effeito, considerando-se um perigoso e critico momento este para o equilibrio europeu, porque o termo d'elle será a preponderancia absoluta de uma ou duas nações do Mediterraneo, a aniquillação commercial do Oriente de aquellas que ficaram prejudicadas ou vencidas na gigantesca contenda.

Os gregos intemeratos romperam todas as combinações tacitas da politica internacional e acudiram em auxilio dos seus irmãos de Creta, e a sua audacia quebrou o artificio em que se baseava o tão fallado equilibrio europeu, fez com que a eterna questão do Oriente soffresse, em poucas horas, uma transformação que, de outra forma, não se teria dado em longos annos.

Em presença, pois, dos graves acontecimentos, que tanto atrahem as attensões para a velha ilha, occupar-nos-hemos d'ella, acompanhando as nossas estampas, panoramas e retratos, de algumas indicações e esclarecimentos.

A Ilha de Creta ou Candia, pertence ao archipelago grego e está situada entre 34° 55' e 35° 41' lat. N. e 32° 57' e 35° 28' long. E. Quanto á sua grandeza, comparam-a á Sardenha ou á Corsega. É banhada ao N. pelo mar de Candia, a NE. pelo canal de Scarpantho e NW. pelo canal de Cerigot; tem 260 kilometros na sua maxima extensão de E a W., variando a largura de 12 a 60; é portanto a maior e a mais meridional das ilhas do archipelago.

Quanto ao clima, é salubre; tem solo fertil, abundando o azeite, as laranjas e alguns vinhos afamados. A sua população é computada em 275:000 habitantes, dos quaes 38 mil são mahometanos e 3 mil israelitas. Os mussulmanos quasi que apenas vivem nas cidades e perto das costas, sendo a população dos campos constituída exclusivamente por christãos.

Tem sido tão accidentada a historia de Creta, que não é facil traçar de breve os topicos principaes d'ella, pois que tendo pertencido aos romanos, aos arabes, aos genovezes, ao marquês de Montferrat, aos turcos, aos venezianos e ao vice-rei do Egypto, foi incorporada na Turquia, em seguida á insurreição de 1841. Tarefa in.proba seria, pois, tentar desenvolver em curtas linhas tão grande assumpto.

Da velha ilha, cujo esplendor foi outr'ora tão notavel, que chegou a conter perto de cem cidades, restam hoje simplesmente Candia, Rethymo e Canéa.

Poucas ilhas offerecem um panorama tão notavel como a de Creta. Canéa, a capital, está encerrada em solidas fortificações. As pessoas mais importantes, beys e consules, sob qualquer commissão de serviço, habitam Halepa, agglomeração de casas ou palacetes com jardins, agrupados sem ordem, a E. da cidade, á distancia de um quarto de hora de caminho.

Canéa tem um aspecto caracteristicamente pittoresco, com os seus miraretes, com as suas casas brancas o pharol tambem branco e a cidade negra, onde agora fluctuam ao lado do pavilhão turco os das potencias. Por detraz estende-se a planície Galata, salpicada de pequenos olivados, e erguendo-se do meio d'ella os altos montes Brancos, cobertos de neve durante a maior parte do anno. O porto é pouco profundo, semeado de rochedos perto da terra, mas os navios podem n'elle com segurança fazer as suas manobras.

Ao nordeste de Canéa desenvolve-se o Akrotiri, península montanhosa e pedregosa, pobrissima, onde os turcos nunca ousaram penetrar durante as insurreições dos cretenses, a não ser em 1826. E' coalhadó de mosteiros e os *papas* (sacerdotes) são os senhores do paiz, abrigados por detraz das muralhas e protegidos por numerosos aldeãos que exploram. Pela sua parte, os bons sacerdotes, são muito aptos a fazerem elles mesmos o fogo, pois teem no interior dos conventos, verdadeiros arsenaes, repletos de armas e munições. A península forma, na parte meridional, a bahia de Suda, a mais bella de todo o archipelago. Fechada a E. e abrigada dos unicos ventos a que está exposta, pela pequena ilha do mesmo nome, esta bahia offerece aos navios um excellenté refugio para a invernação.

O districto de Sphaxia, ao sul da ilha, é uma região agreste, cheia de obstaculos naturaes, desfiladeiros que tornam inacessivel e inexpugnável esta parte da ilha. Por esta orographia se comprehende bem como um punhado de homens resolutos pode fazer frente a um exercito. Um terreno tão accidentado, cortado por estreitas gargantas, valles profundissimos e bastas florestas, é propicio a uma guerra feita por guerrilhas, com as suas continuadas escaramuças, emboscadas e surpresas.

O começo das insurreições dos cretenses contra os turcos dominadores da ilha é quasi sempre igual; uma dissidência no parlamento local ou *Epitranis*, os christãos, retirando-se, arvoram a bandeira negra de insurrectos, gritando: «Liberdade ou morte». Os massacres começam; a Grecia envia dinheiro; em Athenas ha um *comité* cretense permanente que angaria subsidios e officiaes gregos dirigem os cretenses. E este estado dura até que os consules interveem, e por concessões reciprocas se estabelece a paz. Agora a intervenção é muito mais forte, pois se trata das potencias armadas que se impõem á Grecia, visto ella ter-se manifestado tão claramente contra a Turquia, defendendo os cretenses.

Apresentamos os retratos das personagens principaes em tão melindrosa questão. O primeiro é o de Jorge I, rei da Grecia, que tem um papel excepcional na politica europeia, actualmente. O seu nome illustre conquistou com o procedimento do seu glorioso paiz uma grande popularidade, pois que se lhe attribue toda a iniciativa em tão sympathico movimento.

O rei da Grecia é saxonio de origem; pertence á casa de Slesvig-Holstein, e é filho de Christiano IX, rei da Dinamarca; era almirante da esquadra dinamarqueza quando a assembléa geral grega, reunida em Athenas, em 1863, o escolheu para rei dos hellenos, sob os auspicios das tres potencias protectoras: Inglaterra, Russia e França.

Pelas suas altas qualidades de democrata, pelo bom caracter e vasta intelligencia, o rei dos gregos é adorado pelo seu povo. Jorge I nasceu em 24 de dezembro de 1845, e foi proclamado no dia 5 de junho de 1863. Em 1867, casou com uma princeza russa, a grã-duqueza Olga, filha do grão-duque Constantino; tem cinco irmãos, entre elles o principe Frederico, herdeiro da corôa da Dinamarca.

Abdul-Hamid II, actual sultão da Turquia, succedeu a seu irmão o sultão Mourad, destroado em 1876. É filho de Abdul-Medjid e pertence á dynastia de Soliman, que data de 1225; tem cerca de cincoenta e cinco annos de idade, pois nasceu no dia 21 de setembro de 1842, e subiu ao throno da Sublime Porta, no dia 31 de agosto de 1876. Abdul Hamid tem sete filhos, sendo cinco varões.

O principe Jorge da Grecia é hoje um dos ho-

mens mais salientes n'esta questão, pois que desde o principio dos acontecimentos de Creta, foi investido no commando da flotilha grega, encarregada de impedir o desembarque das tropas turcas na ilha.

O principe Jorge é filho segundo do rei dos hellenos, nasceu em 24 de junho de 1869, contando hoje, portanto, vinte e sete annos, tem, na marinha grega, o posto de capitão de fragata; é neto do actual rei Christiano IX da Dinamarca, o decano dos monarchas da Europa, e é sobrinho da imperatriz viuva da Russia; acha-se ligado por uma estreita amizade a seu primo, o actual imperador, tanto mais que ha seis annos foi seu companheiro de viagem no extremo Oriente, e que lhe salvou a vida por occasião do attentado commettido nas cercanias de Tokio, na pessoa do tzarevitch, por um fanatico japonês.

De alta estatura, constituição vigorosa, de uma physionomia sympathica, o principe Jorge goza de grande popularidade entre os gregos.

Berovitch-Pachá, do qual um despacho recente annunciou a fuga e a destituição, exercia em Creta, as funções de governador geral ou *vali*. Nomeado principe de Samos, depois de brilhantes serviços, foi duas vezes governador de provincia e principalmente do famoso districto de Sphaxia, ao sul da ilha.

*

E' de suppôr que a eventualidade tão temida da preponderancia de uma unica nação no Mediterraneo se não chegue a evidenciar, e que os estados europeus procurem uma solução satisfactoria para as justas aspirações dos gregos e que sirva de completa garantia á população de Candia, ante a extra-limitação do poderio turco.

Oxalá que assim succeda e se possa evitar o terrivel embate de forças, a conflagração geral, que toda a Europa recebe.

Encerrar o islamismo nas terras da Asia, repartir entre as potencias interessadas os despojos: dando o Egypto á Inglaterra, Creta á Grecia, a Armenia á Russia; e parte da Syria á França, será a unica e provavel solução absoluta do conflicto levantado. Mas não é em paz que isto se obtém e por isso, o manter o *stat quo* parece o mais prudente, mas não o mais possivel attenta a attitudo da Grecia. N'este caso, ainda uma vez será poupado o imperio ottomano e a questão do Oriente, removida mas não destruida, subsistirá, embora modificada, para se tornar mais terrivel n'um futuro não distante. A perfeita autonomia de Creta é talvez o melhor mas a isso oppõe-se a Grecia que a quer annexar a si, e o sultão que não cede a sua soberania.

E.

O AUTOMOBILISMO

Em o n.º 650 do OCCIDENTE, a pag.ª 11 e 12, publicámos uma noticia sob o titulo acima, e apresentámos aos nossos leitores os desenhos de diferentes vehiculos automoveis para transporte de passageiros. Hoje completamos aquella noticia, dando conhecimento do carro *Le Blant*, para transporte de passageiros e de bagagens, fabricado pela *Sociedade Franco-Belga*, com sede em Paris.

Este carro é movido a vapor para o que tem uma caldeira especial que resiste a fortes pressões internas sem perigo de explosão e sem precisar de manometros nem de preventivas valvulas de segurança. Esta caldeira não exala cheiro nem deita fumo que incommode os passageiros, e um só conductor pôde manobrar o carro.

Os carros automoveis de *Le Blant* dividem-se em: carroçagens de um só corpo, com o respectivo motor e para transporte de 10 a 50 passageiros, e carros rebocadores, exclusivamente occupados pela machina e conductor, destinado a rebocar as carroçagens que se lhe engatem.

A nossa gravura representa este ultimo typo. Ha duas ordens de motores para estes carros automoveis: o n.º 1 de cylindros, pezando cerca de 400 kilogrammas e o n.º 2 de dois cylindros com o pezo de approximadamente 900 kilogrammas e que pôdem permittir a velocidade de 15 a 20 kilometros por hora, em boas estradas de macadam.

No referido artigo do nosso n.º 650, alludimos a uma carruagem automovel, adquirida por um cavalheiro de Coimbra, e sobre cujos direitos de importação se levantaram duvidas na alfandega de Lisboa, por omissão da pauta.

Sendo este um dos primeiros vehiculos importados, tornam-se deveras interessantes qualquer indicações que da sua pratica possamos dar. De

umas noticias de Coimbra, com data de 23 de fevereiro passado, destacamos o seguinte:

«A carruagem automovel que o sr. dr. Tavares de Mello mandou vir de França e que importou em cerca de 1:600.000 réis, incluindo todas as despezas de alfandega, transportes, etc., tem aqui sido alvo de todas as attentões. É um carro elegante e com logares para 3 pessoas. Tem grossas rodas pneumaticas e é movido por motor a petroleo (naphtha), cuja despeza regula por 20 réis por hora. Nas subidas, pôde attingir a velocidade de 11 kilometros por hora, e em caminho plano 26, podendo parar facilmente, mesmo na maior velocidade.

É esta a segunda carruagem automovel que existe em Portugal, sendo muito mais aperfeiçoada do que a primeira que veio, que pertence ao sr. conde d'Avilez.

O sr. dr. Tavares de Mello tem a vantagem de poder reparar qualquer avaria que se dê no seu excellento carro, porque em obras de marcenaria e serralheria é um artista como poucos.»

P.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

VIII

Medeiaram seis mezes entre a assignatura do contracto e a partida de Magalhães. Foram seis mezes de luctas para o ousado portuguez, em que se lhe levantaram difficuldades por todos os lados, desde aquellas que Rodrigo Faleiro lhe criou com o seu genio irascivel, até ás que o povo de Sevilha, instigado pelos agentes portuguezes para impedirem a empresa, oppôz, tentando destruir os navios que estavam a construir para a viagem, e contra a vida de Magalhães, desconfiando da lealdade do seu procedimento.

Não foi menos importante a falta de dinheiro para occorrer ás despezas da expedição, falta que suppriu Christovão de Haro e Affonso Gutierres a que tambem acudiram alguns negociantes de Sevilha a instancias do bispo de Burgos, devotado protector da empresa.

Faleiro, investido de poderes eguaes aos de Magalhães e de genio mui differente d'este, foi impossivel dirigir os trabalhos de commum accordo e a tal ponto chegou a desintelligencia entre os dois, que Carlos V sem querer melindrar nem um nem outro, mas vendo a impossibilidade de se consertarem, determinou por uma real cedula datada de 26 de julho de 1519, que Faleiro ficasse em Sevilha tratando de aprestar uma outra expedição, que seguiria a Magalhães, e que o capitão portuguez partisse com o exclusivo de unico commandante superior da esquadilha.

Tudo se aprestou al fim: a esquadilha que ia a descoberta compunha-se de cinco navios, de que Fernão de Magalhães era o almirante. O primeiro d'aquelles navios era o *Trindade*, em que ia Magalhães; o segundo *Santo Antonio* commandado por João de Cartagena, que era ao mesmo tempo vedor da armada e tinha o titulo de adjunto de Fernão de Magalhães; o terceiro, *Conceição* do commando de Gaspar de Quesada;

o quarto, *Victoria* tendo por commandante Luiz de Mendonça, que era tambem o thesoureiro da armada; o quinto, *Santiago*, que era o mais pequeno, commandado pelo piloto João Serrano.

Foi a 10 de agosto de 1519 que a esquadilha levantou ferro, e descendo o Guadalquivir, veio fundear no porto de S. Lucar de Barrameda, para quarenta dias depois, a 20 de setembro, soltar as velas ao vento, em monção favoravel e aventurar-se por esses mares fóra, sem temor dos perigos, á procura da passagem para o mar do sul.

Ia na expedição um interprete indio malayo, christão, que Magalhães levava para melhor se entender com os povos que esperava encontrar; tambem ia Duarte Barbosa cunhado de Magalhães, que já conhecia a Asia, e o italiano Antonio Pigaffetta, que foi o chronista da viagem. Além d'este iam outros estrangeiros, como francezes, flamengos e um inglez, todos fazendo parte da companhia, soldados, marinheiros, artifices etc.

As caravellas, com suas prôas alterosas, lá iam cortando o mar, empelidas pelo vento rijo que lhe empavesava as latinas. Era um dia de sol, como só os ha na peninsula Iberica, e os seus raios de ouro reflectindo-se nas aguas centuplicavam a luz que illuminava aquelle quadro, ao mesmo tempo que alentavam a alma dos valorosos navegantes, não deixando esfriar o enthusiasmo que animava todos: os que partiam e os que em terra lhe dirigiam as ultimas saudações.

A epocha era d'aquellas aventuras que melhor iam a estes povos, hespanhoes e portuguezas que por egual andavam empenhados nas descobertas.

IX

Que trabalhosa viagem antes de chegar ao porto desejado! Cortada de temporaes e de discordias, que de uns e outras não faltaram para experimentar o animo do ousado navegador.

Logo nos principios da róta Fernão de Magalhães teve que pôr a ferros a João de Cartagena, que se sublevara contra elle por motivo de Magalhães mudar de rumo sem o consultar sendo Cartagena seu adjunto.

A 13 de dezembro dava fundo, na bahia do Guanabára ou Rio de Janeiro, a esquadilha,

E' curioso o que conta Pigaffetta do negocio que fizeram com os indigenas durante o tempo que ali permaneceram os navios.

Diz elle:

«Aqui fizemos provisão de gallinhas e de *patatas*, um fructo semelhante ás pinhas, mas muito doce e exquisito, canna doce, carne de anta semelhante á de vacca. Fize-

¹ *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães* por Diego de Barros Arana.

A QUESTÃO DO ORIENTE



O PRINCIPE JORGE DA GRECIA



BEROVITCH—PACHÁ, GOVERNADOR DE CRETA

mos excellentes negocios. Por um anzol ou por uma faca davam-nos cinco ou seis gallinhas; dois ganços por um pente; por um espelhinho ou um par de tesouras obtinhamos uma purção de peixe sufficiente para alimentar dez pessoas; por um guizo ou uma fita trasiam-nos os indigenas uma canastra de *patatas*. Por preços tão subidos como estes trocámos as figuras dos naipes de cartas: por um rei deram-me seis gallinhas e os indios cuidavam fazer um excellente negocio.»

Depois de um descanso de quatorze dias no Gunabára de novo se pôz a esquadilha ao mar seguindo rumo paralelo á costa até o Cabo de Santa Maria, na embocadura do Rio da Prata, onde entrou a 10 de janeiro de 1520, para reconhecer as margens, distinguindo nas extensas planicies uma eleva-

ção a que os navegantes chamaram Monte-Vidi e que mais tarde se denominou Montevidec,

A 14 de fevereiro deixou Fernão de Magalhães o Rio da Prata e seguindo a linha da costa foi navegando atravez os temporaes até o porto de S. Julião, onde arribou a 31 de Março, para ali invernar, pois era chegada a estação das chuvas.

Eram os primeiros navegadores europeus que chegavam aquelle porto, que de resto encontravam despovoado, e sem viveres de que se podessem fornecer.

Havia decorrido seis mezes que tinham largado de S. Lucar de Barrameda.

(*Continúa*).

Caetano Alberto.



OS AZULEJOS

Um breve estudo sobre azulejos, extrahido dos melhores auctores, parece-nos apresentar verdadeira curiosidade, tanto mais que entre nós alguma coisa se tem escripto.

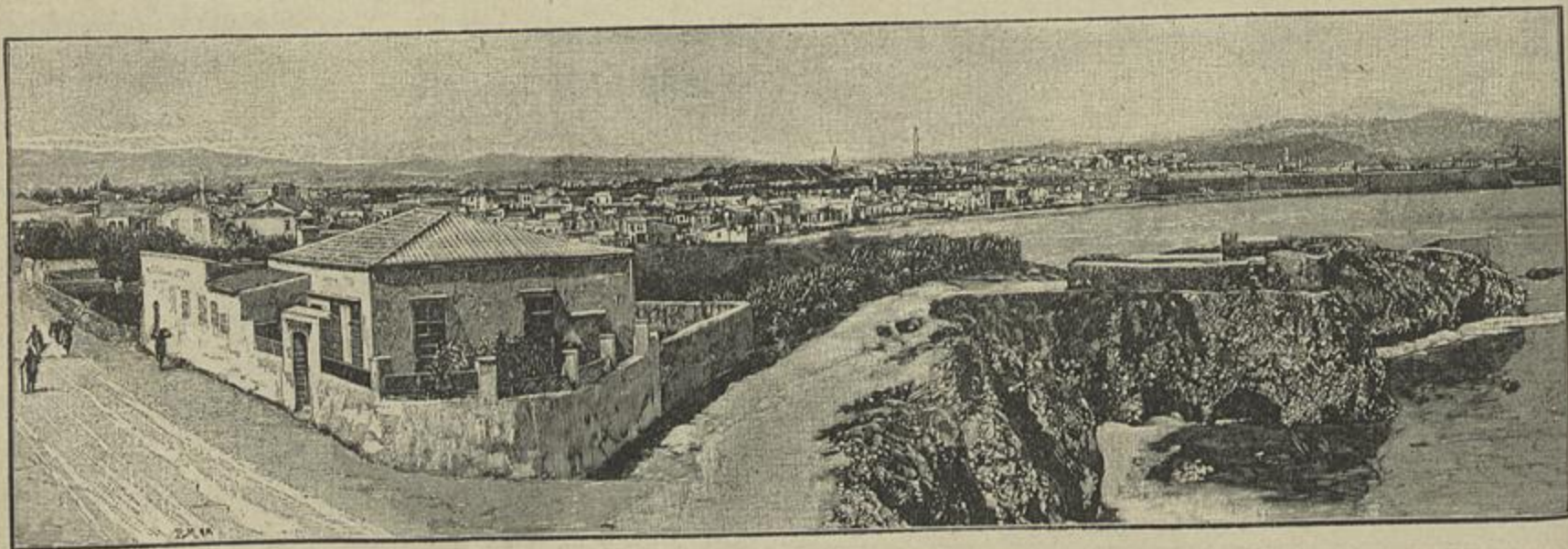
Gabriel Pereira, Conceição Gomes, Possidonio da Silva, Joaquim de Vasconcellos, e recentemente, Liberato Telles, são distinctos auctores que sobre o assumpto apresentam curiosas e interessantes indicações.

Quanto á sua antiguidade, póde affirmar-se que o azulejo conta mais de cinco mil annos.

No Egypto, encontraram-se azulejos de diversas côres: brancos, verdes, amarellos e vermelhos, sobre os quaes se liam certos nomes dos Pharaós. No principio d'este seculo, ainda se retiraram alguns azulejos que revestiam uma das camaras da pyramide de Saqqarah. Estes azulejos são rectangulares, a superficie exterior é convexa e por de-traz tem uma especie de anel do mesmo barro, por onde se enfiava uma vara de madeira para os segurar.

Na Chaldeia, tambem nos monumentos babilonicos se encontraram, em abundancia, pedaços de ladrilho esmaltado com uma camada solida e espessa.

Os azulejos passaram á Assyria, onde são de



VISTA DE CANEÁ TIRADA DE HALÉPA

manufatura inferior, e affirmam os assyriologos que n'elles havia grandes composições coloridas, com figuras de tamanho natural.

Nos azulejos chaldeos e assyrios era frequente encontrarem-se inscrições com caracteres cuneiformes, de cinco a seis centímetros de alto para se poderem vêr de longe, brancos sobre fundo azul.

A grossura das tintas, que se observa n'estes azulejos, mostra bem que a operação do esmalte se fazia separadamente para cada ladrilho.

Embora geralmente se não admitta que o azulejo foi importado do Egypto para a Mesopotamia, é certo que adquiriu n'esta ultima região toda a importancia que podia alcançar um elemento tão decorativo, cujo caracter oriental se havia de perpetuar.

Não foi só a falta de materiaes mais resistentes, como a pedra e o marmore, que levou o azulejo a tal importancia, mas sim o seu vivo colorido polychromo, que tão bem correspondia ao gosto esthetico e decorativo dos orientaes.

No extremo oriente tambem se fabricaram azulejos. Da China, ha noticias positivas do seu emprego, e da India, especialmente, nos seculos v a xi, conhecem-se construcções que ostentam relevos nos entablamentos, frisos, etc., feitos em mosaico.

A Grecia e á Italia attribue-se a fabricação de azulejos, mas o que resta é tão pouco que se pode affirmar não os ter a antiguidade classica empregado.

É nos monumentos islamitas que o azulejo representa um importantissimo papel.

Vem então uma pergunta, como passou a tradição do azulejo do mundo oriental da antiguidade, para o mundo oriental da Edade Media?

Basta reparar que mostrámos que n'um periodo da Edade Media a India empregou o azulejo. Ajuntamos agora que a Persia, arabe no seculo xi, revestia as suas construcções com placas de barro esmaltadas de verde, vermelho e ouro.

Passaria, pois, o azulejo dos assyrios aos persas, visto que estes seguiram a tradição artistica da Assyria, e que os antigos persas, ao darem aos byzantinos e aos arabes os elementos artisticos de que dispunham, lhes fornecessem o azulejo.

Este raciocinio tem-se feito em vista dos monumentos byzantinos do Oriente e da Italia apresentarem louça esmaltada como elemento decorativo de applicação.

Diversos auctores derivam, e com isso corroboram o que dizemos, o termo *azulejo* de azul. Ora esta cor é que predomina na ceramica persa. Outros querem que seja de *az̄z̄alujo*, que em arabe significa lizo e escorregadio.

Quando cerca do ultimo quartel do seculo xiii, veem á peninsula os almohades, apparece o azulejo frequentemente empregado e de uma forma bem caracteristica nos edificios arabes. Temos, pois, que na peninsula o azulejo tem uma origem arabe.

Nos azulejos arabes distinguem-se duas especies, os *aliceces* e os *azulejos*, ambas denominadas pelos arabes *almofassass*, que quer dizer peça feita de bocadinhos.

Os *aliceces* são pedaços de barro esmaltado que formam as laçarias, e *azulejos*, os que mostram já esse desenho colorido, pelo que os segundos se podem considerar uma simplificação dos primeiros. Os *aliceces* são, pois, anteriores aos azulejos, e nos seus desenhos geometricos, pensa-se vêr uma imitação suggerida pelos embutidos persas.

Na peninsula, os *aliceces* e azulejos mais antigos devem ser do seculo xiv.

* * *

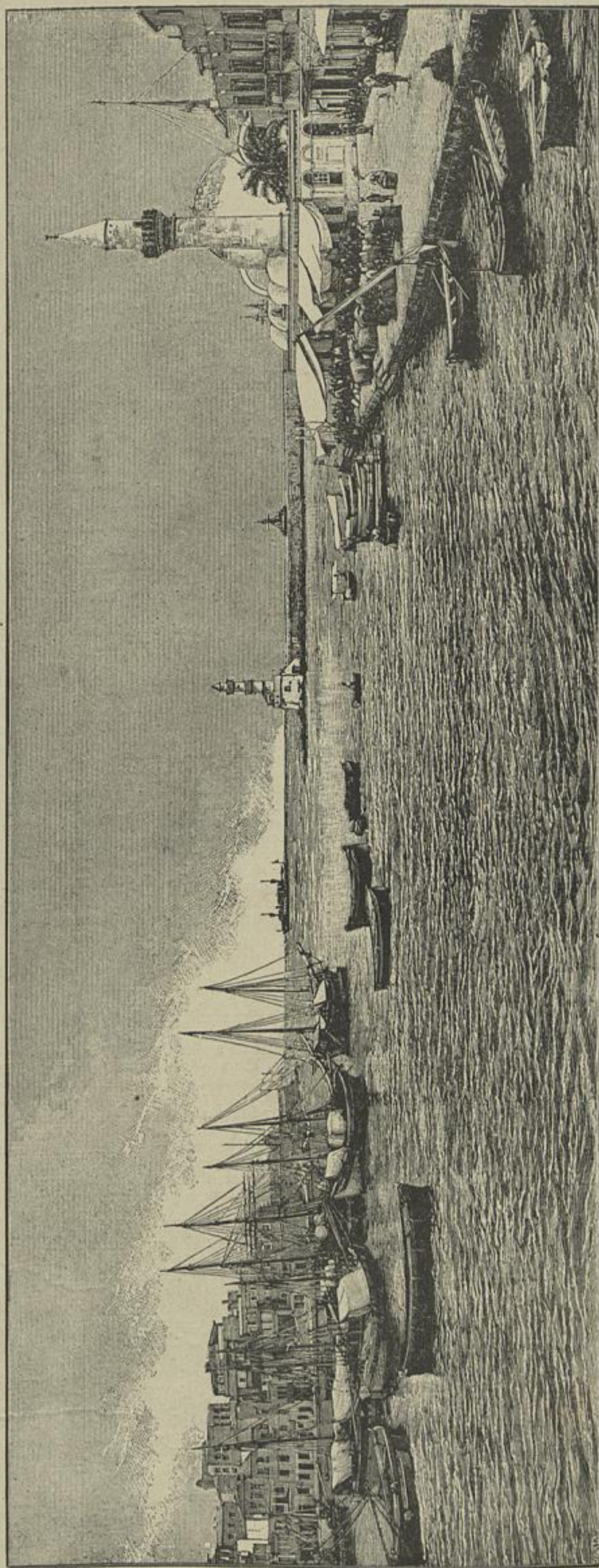
Pelo que respeita á technica dos azulejos, cobriam-se os ladrilhos de um fundo geral, branco igualmente, sobre o qual se traçavam os desenhos, submettendo-os em seguida a uma segunda cozedura, e depois dava-se lhe uma ligeira camada vitrificavel submettida a uma terceira cozedura, com a qual se conseguia a transparencia do esmalte que distingue os azulejos arabes dos mudéjares.

Os mudéjares introduziram nos reinos christãos o uzo dos azulejos e as differenças entre estes e os dos arabes devem procurar-se no proprio estylo artistico e na technica apontada.

Com a Renascença mudou-se o gosto artistico, os azulejos tornam-se planos e empregam-se nos rodapés, são pintados a claro e escuro azul — quando muito com uma sanefa ou outro adorno amarello ou roza, etc.

Hoje, a moderna ceramica produz azulejos imitando a ornamentação arabe, etc., e o papel a que na decoração este antigo producto ceramico está destinado é importante.

A QUESTÃO DO ORIENTE



PANORAMA DO PORTO DE CANÉA

Os azulejos primitivos em Portugal são, inquestionavelmente obra dos arabes, e especialmente dos morabes. Nos posteriores varia o assumpto.

Os desenhos são de ordinario grandes caçadas, batalhas, pescas, etc., assumptos proprios da grandeza do quadro e que n'essa grandeza tem o seu valor artistico. São muito elogiados por este motivo os azulejos de Coimbra por Raczyński.

No refeitório do convento de S. Francisco, na ilha de S. Miguel, existia uma grande copia da *Ceia do Senhor*, de Leonardo De Vinci, em azulejos.

Outras bellas pinturas se encontram em preciosos azulejos que adornam varios palacios e edificios do reino, e especialmente os antigos conventos.

Nos auctores, que citámos no começo d'este artigo, podem os curiosos procurar informações mais amplas, o que o espaço nos não permite.

Esteves Pereira.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POR E. ABOUT

VI

HISTORIA D'UNS OCULOS E CONSEQUENCIAS DE UM DEFLUXO

Não sei de prégador algum, quer se chamasse Bossuet ou Fénelon, ainda mesmo Massillon ou Fléchier, e até o proprio M. Mermillod, que, do pulpito abaixo, despedisse eloquencia a um tempo tão forte e de tal modo unctuosa como aquella que Mr. Alfredo L'Ambert empregou á cabeceira de Romagné.

Dirigiu-se, primeiro, á razão, depois á consciencia, e finalmente ao coração do seu enfermo. Vieram á teia o sagrado e o profano; citou textos de sanctos e de philosophos. Foi potente e meigo, severo e paternal, logico, acariador e jocoso, até. Provou-lhe que o suicidio é dos crimes todos o mais vergonhoso, e que todo aquelle que de seu motuo proprio affronta a morte não passa d'um covarde. Arriscou até metaphora tão nova quanto ousada — comparou o suicida ao desertor que abandona o posto sem licença do cabo de esquadra.

O auvernhez que, em vinte e quatro horas, não tomara o minimo alimento, parecia encasquetado na propria ideia. Em presença da morte mantinha-se immovel e cabeçudo que nem um jerico á entrada d'uma ponte. Aos mais tersos argumentos, respondia com impassivel placidez:

— Olhe que num bale a pena, chinhor L'Ambert; — mijeriaz ha n'este mundo até de mais.

— Deixe-se d'isso! meu amigo, meu pobre amigo! A miseria é instituição da divindade. Foi creada de proposito com o fim de excitar aos ricos a caridade e aos pobres a resignação.

— Os ricos? Chaiba que me fartei de pedir trabalho, e que todos me biravam a cara. Estendi a mão á caridade, e ameaçaram-me co'a polichia!

— Mas por que não se lembrou dos amigos? De mim, por exemplo? De mim que lhe quero tanto? De mim em cujas veias gira sangue seu!

— Bemchei! pr'o chinhor pregar outra vez commigo pl'a porta fóra!

— Para si estão e hão de estar sempre escancarados, a minha porta, a minha bolsa e o meu coração, até.

— Chê me tibeche querido dar chinquenta francos para mercar p'ahi um barrilito em chendua mão?

— Mas... animal... quero dizer, querido animal!... e consente que te ralhe um tanto, como no tempo em que compartilhavas o meu leito e a minha meza! Não te hei de dar só cincoenta francos, hão de ser mil, dois mil, dez mil! É a minha fortuna toda que eu hei de repartir commigo... em harmonia com as nossas respectivas necessidades. É preciso que vivas! Que sejas feliz! Está a chegar a primavera, com seu cortejo de flôres e a musica tão doce das aves nas ramadas. Sentes-te com animo de deixar isso tudo? Pensa no desgosto que terão teus progenitores, em teu pae, ancião venerando, que está á tua espera lá na terra; em teus irmãos, em tuas irmãs! Lembra-te de tua mãe, querido amigo! Essa então é capaz de ir logo atraz de ti. E hasde tornar-os a ver! — Mas não, não: tens de ficar em Paris, de baixo da minha vista, na mais estreita intimidade commigo. Quero vê-te feliz, casado com uma boa mulhersinha, pae de dois ou

tres lindos pequerruxos. Sorris? Vá lá, toma este caldinho!

— Agardecido, chinhor L'Ambert, agardecido! Guarde lá o caldo: cha num é prechijo. Ha mijeriaz de mais cá n'este mundo!

— Mas se eu te juro que acabaram para ti os dias negros! Visto que tomo á minha conta o teu futuro, palavra de tabellião! Consente em viver, e nunca mais hasde soffrer, não tornas a trabalhar, os annos para ti d'aqui em diante passam a ter trezentos e sessenta e cinco domingos!

— E as chegundas feiras?

— Ou segundas feiras, se é que as preferes. Hasde comer, beber, fumar charutos havanos de trinta soldos! Serás meu commensal, meu inseparavel, um segundo eu — Queres viver, Romagné, para vires a ser um segundo eu?

— Nada! o dito, dito! Chá que comecei a morrer, agora, quanto mais de précha, melhor.

— Ah! elle é isso? grandissimo bruto! ora ouve lá a sorte que te espera! Fica sabendo que não te aguardam sómente as penas eternas, que por essa tua teimosia, de minuto a minuto te ameaçam de mais perto. Mas, n'este mundo, aqui mesmo, amanhã, talvez hoje ainda, antes d'ires para a vála, apodrecer, hão de pregar commigo na sala d'anatomia. Estatelado, pr'ali, na meza de pedra, serás retalhado em bocadinhos. Um sérra ossos hade abrir a machado essa tua caveira de mula; outro arregaçar-te as banhas, esfacellar-te o peito a ferro, remechar-te lá por dentro a vér se n'essa estúpida canastra está escondido um coração; outro...

— Ai chechus! chinhor L'Ambert! pl'as alminhas! num quero ser migado ós bocadinhos! atão... engulo antes o caldo...

Tres dias a caldos e constituição robusta livraram n'o d'aquella arriosa. Poude ser levado de carruagem para o prédio da rua de Verneuil. Foi o proprio Messer L'Ambert que ali o accommodou, com attenção e cuidados maternas. Deu-lhe o quarto do seu crzado particular, para o ter mais perto de si. Fez papel de enfermeiro um mez a fio, e chegou até a perder noites.

Taes canceiras, em vez de lhe alterarem a saúde, restabeleceram em seu rosto a tez viçosa e fresca.

Quanto mais se estafava a cuidar d'aquelle pobre diabo, mais vigor e melhores côres ia apresentando em seu nariz. Repartia a sua vida entre cartorio, auvernhez e espelho. Foi por essa época que um dia, por distracção, escreveu no rascunho d'um auto de penhora: «Faze bem não olhes a quem!» Maxima um tudo nada rançosa, mas para elle novinha da gêmma.

Quando o Romagné veiu emfim a entrar em convalescencia declarada, o seu hospedeiro e redemptor, que lhe tinha migado tanta sopinha e partido tantos bifés, disse-lhe:

D'hoje em diante, has de jantar commigo todos os dias. Mas vê lá, se queres antes que te sirvam na copa, não ficas de peor partido, e talvez te divirtas mais.

O Romagné, pessoa de tino, optou pela copa.

Foi estando ali como em sua casa e comportou-se de modo que todos ficaram morrendo por elle. Em vez de se encostar n'amizade do patrão mostrou-se lhano, e modesto que nem o proprio bicho da cosinha. Era um creado que Messer L'Ambert tomara para os seus criados. Faziam-n'o andar em bolandas, arremedavam-lhe a fala provinciana, e, a brincar, iam-lhe chegando a sua taponia: a ninguem passava pela cabeça pagar-lhe a soldada. Messer L'Ambert foi, mais de uma vez, dar com elle a tirar agua do poço, a arrumar moveis pesados e até a esfregar o sobrado. N'essas occasiões, o tão amoravel patrão, puchando-lhe a orelha, dizia:

— Vae te divertindo, vae; não digo que não; mas vê lá se te estafas!...

O pobre môço quasi que andava envergonhado de tanto mimo e chegava a ir fechar-se no quarto para chorar, enternecido.

Não poude, porém, gosar-se, por muito tempo, do quartinho tão aceiado e commodo, pegado ao aposento de seu amo. Deu-lhe Messer L'Ambert a entender, com muita delicadeza, que lhe estava fazendo muita falta o seu creado particular, e foi o proprio Romagné que pediu licença d'ir dormir para o sotão. Despacharam-lhe da melhor vontade o requerimento, e deram-lhe uma espolunça á qual tinham feito cara as moças todas da cosinha.

Houve um sabio que disse: «Felizes os povos que não teem historia!» O Romagné foi feliz, tres mezes. Veiu a ter uma historia ali pelos principios de junho.

Seu coração, por tanto tempo invulneravel, foi trespassado pelas sétas do Amor.

Entregou-se o aguadeiro, atado de pés e mãos, ao nune que, out'ora, deitou Troia a perder. Entrementes ia descascando as ervilhas, reparou que a cosinheira tinha uns olhinhos pardos bem bonitos e um par de bochêchas vermelhas e rechonchudas. Um suspiro, capaz de pregar com a banca em terra, foi symptoma annunciador do mal que o devorava. Quiz explicar-se; prendeu-se-lhe a fala na garganta. Nem sei como elle conseguiu agarrar pela cincta a Dulcinéa amada, e ferrar-lhe um chôcho nos labios appetitosos, a tal ponto levava a timidez!

Para bom entendedor, meia palavra. A cosinheira era rapariga capaz, tinha mais sete ou oito annos do que elle, e não passeava tão estranha pl'as veredas do Vale d'Amor.

— Já dei co'a coisa, disse a moçoila: — tem ganas de casar e mais eu. — Pois meu menino, talvez cälhe, o ponto está em você não vir co'essas mãos a abanar.

Simplorio como sempre, respondeu que abanar, lá isso não abanava, mas que avezava o que n'um homem tem mais prestimo, dois braços rijos e afeitos ao trabalho. A donzella Joaninha riu-se-lhe nas ventas e falou mais claro; entrou elle a rir, tambem, e com amavel confiança replicou:

— Icho pl'os geitos hade cher obra de dinheiro? E bóché andava embatucada com icho? chaberá que dinheiro tenho eu a rôdo! Atão quanto é que m'hade custar? Diga lá. Chêgará pr'ahi ámetade da riqueza do patrão, do chinhor L'Ambert?

— Metade da riqueza do patrão?

— Pois cha che bê! Nom que'elle até chá m'o tem dito... mais de chem vezes. Eu cá chou dôno d'ámetade do que elle abeza, o que inda num repartimos foi o dinheiro: tem-n'o elle a guardar, na chua mão.

— Não diga tolices!

— Toliches? Olhe — acolá bem elle. Bou chá fazer contas co'elle, e d'aqui a nada berá como lhe benho cha trazer os cobres todos á cojinha.

Pobre innocente! Obteve do patrão boa lição de alta grammatica social. Ensinou-lhe Messer L'Ambert que prometter e cumprir não são synonymos; dignou-se, até, explicar-lhe (estava de bons humores) o merito e os perigos d'essa figura a que chamam hyperbole. E, em conclusão, com mansidão firme, mas que não admittia réplica, disse-lhe:

— Romagné; muito tenho feito para seu bem; e mais farei ainda, affastando o d'esta residencia. O mais vulgar bom senso deve dizer-lhe que não está aqui na qualidade de patrão; e a minha excessiva bondade não consente que o conserve aqui fazendo as vezes de criado; e finalmente, estou persuadido de que seria prestar-lhe pessimo serviço retê-lo em situação mal definida e mais propria a perverter-lhe os habitos, a dar-lhe volta ao juizo. Com mais um anno de viver tão ocioso, acabaria por perder o gosto todo pelo trabalho. Viria a ser um homem deslocado da propria classe. Ora não sei se sabe que os individuos em taes condições estão sendo um flagello para a nossa época. Metta a mão na consciencia, e diga-me se aceita de bom grado a missão de flagello da propria época? Pobre infeliz! Quantas vezes se não lembraria já com saudades do seu titulo de operario, que é a sua fidalguia? Pois saiba que pertence ao numero d'esses que Deus creou com o condão de se ennobrecerem com seus uteis suóres; faz parte da aristocracia do trabalho. Trabalhe pois: não como d'antes, cheio de privações e de duvidas, mas sim com absoluta segurança, por mim garantida e em abundancia proporcional ás suas modestissimas necessidades. Prometto fazer face ás despezas, logo que resolver estabelecer-se, e prometto arranjar-lhe trabalho. Se acaso, o que não creio, viessem um dia a faltar-lhe meios de subsistencia, creia que encontrará amplos recursos, em minha casa. Deixe-se porém d'esse disparatado projecto de ir casar com a minha cosinheira, porque não deve prender a sua sorte com a sorte d'uma reles criada, e nem eu admitto ninhada cá em casa!

O desgraçado chorou que se desunhou e fez-se em agradecimentos. Seja dito, em louvor de Messer L'Ambert, que este andou com certa gallardia. Vestiu de novo o Romagné, mobilou-lhe um quarto no quinto andar d'um prédio velho, sito na rua Cherche Midi, e deu-lhe quinhentos francos para ir vivendo em quanto não arranjava trabalho. E oito dias não eram ainda decorridos, já elle o fizera entrar como jornaleiro n'uma loja de espelhos, das mais afreguezadas, na rua de Sévres.

Passou-se muito tempo, seis mezes talvez, sem que o nariz do tabellião desse novas do seu fornecedor. Um dia porém, estando o nosso funcionario ministerial, decifrando, com a ajuda do seu primeiro amanuense, os pergaminhos d'uma fami-

lia nobre e abastada, quebraram-se-lhe os olhos pelo meio e cahiram em cima da meza.

Não se encommudou lá muito com tão leve transtorno. Remediu-se com uma luneta de mola de aço e mandou ao caes dos Ourives trocar os olhos. O seu oculista, Mr. Luna, desfez-se em desculpas, e remetteu-lhe uns olhos novos, os quaes d'ali a vinte e quatro horas, estavam já partidos pelo mesmo sitio.

Vieram outros e tiveram a mesma sorte; outros ainda e partiram-se tambem.

O oculista, coitado, já não sabia que desculpa havia de apresentar. No fundo d'alma, estava persuadido que a culpa era de messer L'Ambert Di-suadido para a mulher, mostrando-lhe o destroço consummado em quatro dias:

— Este môço não tem juizo: usa vidros n.º 4, que são, já se vê pesadissimos; é presumido, e quer que os aros sejam finos como uma linha, e trata os olhos á bruta, tal qual como se fossem montados em ferro batido. Se lhe fôr dizer alguma coisa, é capaz de se zangar; nada! vou mas é mandar-lhe uns com aros mais fortes.

M.^{me} Luna achou optima a idéa; mas os quintos olhos tiveram a sorte dos outros quatro. Mr. L'Ambert, d esta vez, foi aos ares, apesar de ninguém lhê ter feito observações, e mudou a freguezia para um estabelecimento que andava em concorrencia com o outro.

Dir-se hia, porém, que os oculistas todos de Paris andavam fallados para partirem os olhos no nariz do pobre millionario. Uma duzia de pares de cangalhas foram á degola. E o mais espantoso, n'este caso, éra que a luneta com mola de aço que preenchia os interrêgnos, resistia firme e forte.

Já sabem que a paciencia não era em Messer L'Ambert, virtude predilecta. Certo dia, calcava elle aos pés uns dos taes olhos, esmigalhava-os com os tacões das botas, eis que o doutor Bernier vem procural-o a casa.

— Com a breca! exclamou o tabellião, chega mesmo a proposito. Ando embruxado, com todos os diabos!

Os olhos do doutor, insensivelmente procuraram o nariz do doente. Afigurou-se-lhe que o objecto estava são, com bom aspecto, e fresco que nem uma rosa.

— Quer me parecer, disse, que não vamos nada mal.

— Eu? De certo; mas estes olhos maldictos é que não vão nem a cacête!

Contou a historia ao doutor, que ficou assaz pensativo.

— Por ahí anda obra do mofino do Auvernez Conserva acaso, alguns aros dos olhos partidos?

— Aqui tenho em uns debaixo dos pés.

Mr. Bernier apanhou-os, examinou-os com uma lente, e pareceu-lhe que o ouro estava por assim dizer prateado, nas arestas da fractura.

— Diacho! exclamou. O Romagné faria tollice?

— Ora! que tollices ha de elle fazer?

— Ainda o tem cá em casa?

— Não; o mariola foi-se embora. Anda a trabalhar fóra.

— Espero que d'esta vez, se não descuidasse de lhe assentar a morada

— Podéra! Quer vê-la?

— Quanto mais depressa, melhor.

— Será caso de perigo imminente? Mas eu sinto-me tão bem disposto!

— Antes de tudo, vamos ter com o Romagné.

D'ali a um quarto de hora, apeavam se estes cavalheiros do trem á porta dos srs. Taillade e C.^a na rua de Sives.

Uma grande taboleta com as letras recortadas em pedaços de espelho indicava o genero de industria cultivada no estabelecimento.

— E' aqui, disse o tabellião.

— O quê? o homensinho está empregado aqui?

— Pois já se vê. Fui eu que lhe arranjei o lugar;

— Pois senhor, não está tão mal como eu cuidava. Mas, ainda assim, olhe que o senhor deu uma valente cabeçada!

— Eu? porquê?

— Entre, e depois falarémos.

O primeiro individuo que topáram na officina foi o nosso auvernez, em mangas de camisa, arregaçadas, e a pôr o aço n'um espelho.

— Ora! observou o doutor, bem me queria a mim parecer.

— Então o que é?

— Os espelhos são estanhadas com uma camada de mercurio protegida por uma folha de estanho. Entende agora?

— Eu, ainda não.

— O seu animalejo, está barrado da tal droga até aos cotovellos. Que estou eu a dizer, chega-lhe até aos sovacos.

— Não vejo que relação possa haver . . .

— Pois nao attinge que sendo o seu nariz uma fracção do braço d'elle, e manifesta a deploravel tendencia do ouro em se amalgamar com o mercurio, o senhor por mais que faça não conseguirá nunca segurar os olhos no nariz?

— Essa, so pelo demonio!

— Resta-lhe o recurso de uzar olhos com aros de aço.

— E-me indifferente.

— Sendo assim, não corre perigo, salvo, talvez, algum accidentesito proveniente do mercurio.

— Não! lá isso nao! Prefiro, em tal caso, que o Romagné trate d'outra vida. Vem cá, Romagné. Larga lá esse trabalho, e anda d'ahi connosco. Vens ou não vens, animal! Nem sequer imaginas o perigo a que me expões!

O patrão da officina accudiu ao romor das vozes. Mr. L'Ambert, com ar d'importancia, disse quem era e lembrou-lhe que recommendára aquelle homem por intermedio do seu estofador. Mr. Taillade respondeu que se recordavi muito bem. E que fóra até para ser agradavel ao sr. L'Ambert, e grangear-lhe a benevolencia, que se resolvesse promover aquelle jornaleiro ao cargo de estanhador.

— Ha quinze dias, atalhou L'Ambert.

— Exactamente. Pois sabia?

— Até demais! Ora, o senhor! E ha quem brinque com coisas tão sagradas!

— Eu?!

— Está bom! Não é nada! Mas, por meu interesse, pelo seu, por interesse da sociedade em peso, trate já de reintegrar esse homem no posto em que d'antes estava. Mas não, não! Dê-m'o cá, levo-o comigo. Pagarei seja o que fôr, mas o tempo aperta. Receita de medico! . . . Romagné, meu caro amigo, é preciso que venhas comigo. Está consummada a tua fortuna! Tudo quanto tenho, pertence-te! . . . Não queres? Has de vir, por força; juro-te que has de ficar contente comigo!

Quasi que nem lhe deu tempo para se vestir, e lá o arrastou, como quem leva uma rez. Mr. Taillade e os operarios ficaram pensando que era doído. O bom do Romagné erguia os olhos para o ceu e cogitava lá consigo, pelo caminho, o que pretendiam d'elle outra vez.

Iam decidindo da sua sorte, na carruagem, e elle, entretanto, a papar moscas, na almofada, ao pé do cocheiro.

— Carissimo doente, dizia o doutor para o millionario, aquelle rapaz deve ser guardado á vista. Compreendo que o mandasse embora de casa; não é de trato muito agradável, concordo, mas o peor foi ir encaixal-o lá tão longe, e estar tanto tempo sem saber se era vivo ou morto. Alugue-lhe quartel na rua de Blaune ou na da Universidade, que ficam perto da sua residencia. Arranje-lhe officio menos perigoso para o senhor, ou antes, se lhe quer fazer bem, dê-lhe uma mezadita . . . mas sem lhe arranjar officio: se o põe a trabalhar, o homem cansa-se, expõe-se; nem sei de officio em que a pelle da gente não ande um tanto arriscada; um desastre arma-se do pé para a mão! Dê-lhe coisa com que viva sem fazer seja o que fôr. A cautella, porém, não se alargue muito! Atirava-se outra vez á bebida, e o senhor já sabe o que isso lhe rende. Para ahí uns cem francos por mez, quarto pago, e é quanto basta.

— Talvez que até seja muito. . . emquanto á quantia não digo, mas eu o que queria era dar-lhe coisa que lhe chegasse para comer. . . sem lhe chegar para beber.

— Sejam então quatro luizes, em quatro prestações, ás terças feiras.

Offereceram ao Romagné oitenta francos por mez; mas, d'esta feita, o homemzinho fez-se de manto de seda.

(Continua)

Pin-Sel



REVISTA POLITICA

Não se pôde dizer que o actual governo tem perdido tempo, e como o tempo é dinheiro *time is money*, não tem perdido dinheiro, e tanto assim, que no curto espaço de um mez, tanto pensou e meditou na sua alta sabedoria, que por fim concluiu que quem tem a que se torne não é pobre e, revolvendo as arcas do thesouro, encontrou setenta e duas mil obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que

tratou immediatamente de pôr no prego para arranjar umas 600:000 libras a titulo de suprimento, exactamente como qualquer mortal amanuense rebate o seu ordenado de um mez para acudir ás reclamações do padeiro.

E na verdade preciso ser grande financeiro, para, assim do pé para a mão, resolver tão grave dificuldade, não fallando da gratidão devida ao sr conde de Burnay, negociador do suprimento, por ter salvo o paiz do embaraço em que estava.

Depois d'esta feliz operação, com que o sr ministro da fazenda affirmou o seu pulso financeiro, veio o relatorio do estado da fazenda acompanhado de um decreto sobre a contabilidade publica, para que só se pague o que estiver legalmente auctorizado pelo orçamento

Este relatorio e este decreto em quarta feira de cinzas, é como quem diz: penitencia e jejum. E de facto nada de melhor podia levar os fiéis a observarem os preceitos da bulla, como aquelle decreto que promete pôr em completa abstinencia de gordo e até de magro, uns quatrocentos e tantos individuos, que recolhiam algumas migalhas da meza do orçamento, emquanto outros continuarão a receber mil e uma gratificações por mil e um empregos que não desempenham.

Os infelizes de hoje deixarão os seus logares para os felizes de amanhã, porque ha um bom par de annos que assistimos a esta comedia e temos visto muitas d'estas entradas de leão e depois saidas de . . . borreguinho manso. Até não podia deixar de ser assim, porque attendendo a que todos os governos tem afilhados para gratificar e para empregar, se uns e outros se fossem accumulando, não teria mãos a medir o sr. conselheiro Augusto José da Cunha a fabricar cedulas de 50 réis, na Casa da Moeda, para occorrer ás necessidades do thesouro, nem deixaríamos de vêr as arcadas e Praça do Commercio cheias de bancas de empregados, por já não caberem nem nos corredores das secretarias, afóra as que se disseminariam pelas praças e largos de Lisboa, em concorrencia com as mezas dos capilés e da agua da Sabuga.

Infelizmente a boa administração dos nossos governos não permittirá que vejamos esse pittoresco espectáculo. Tudo se manterá nos limites do razoavel.

Agora levanta-se a meza para uns, mas não tardará que seja posta para outros. A' formiga, mui disfarçadamente, só por grande favor especial, que bem merecerá em recompensa um bom par de votos. Hoje um, amanhã outro, depois outro, e mais uma gratificação e mais outra, com tanto que não exceda os limites e se os exceder em muito poucôcinho, ainda que lá estão as cedulas de cobre e as notas de prata e ouro que não se inventaram para serem ruidas da traça. Nos grandes lances é que se conhecem os amigos, e estes não faltarão aos seus compromissos reciprocos.

E uma vez que falámos em amigos cabe notar que o governo não descursa de os arranjar até que seja no inferno. Antes assim e ninguem lhe deve querer mal por isso e muito menos os republicanos. a quem o mesmo governo já passou a mão pelo lombo, como eu faço ao meu felino maltez. Verdade seja que os ditos republicanos logo lhe deram com os pratos na cara, apesar das concessões que o dito governo lhes fez; mas em fim o espirito altamente liberal do sr. José Luciano sempre ficou mais aliviado pois, andava lhe a roer na consciencia a oppressão em que os miseros vejetavam.

O sr. José Luciano pensou: quem tiver força que governe. Ora se os republicanos tiverem força podem muito bem governar e eu vejo-me livre d'esta espiaga de ser presidente do conselho e de aturar o Eduardo José Coelho e outros que taes que me fazem a cabeça em agua

Parece-nos logica esta conclusão, em vista da repugnancia com que os novos ministros accederam ás pastas Todos sobre posse, para fazer a vontade ao seu chefe e o chefe para lhes fazer a vontade a elles, ainda que no partido estão muitos de atalaya, como o sr. Alpoim a vêr se não vale uma pasta de ministro as descomposturas apoplecticas que deu no sr. Campos Henriques com que, em sua consciencia, deitou o ex-governo de pernas ao ar.

E esta, decerto, mais uma razão que opprime o animo do sr. presidente do conselho, a de se haver com os novos pretendentes ás pastas de ministros, assim como a de fazer par do reino o sr. Marianno de Carvalho.

Até já houve quem lhe ouvisse dizer:

— Em má hora tomei conta da pasta. Assim não me venham vêr!

E de facto, alem dos apertos financeiros que obrigaram o seu ministro da fazenda a pôr no pre-

go, logo á entrada da porta, 72:000 obrigações do caminho de ferro e a pôr na rua quatrocentos e tantos funcionarios do Estado, ainda por cima aturar os aspirantes a ministros e a pares do reino, afóra os futuros successores dos barrigas que reclamam subsidio para as ditas, é de uma pessoa se lançar nos braços dos republicanos e dizer-lhes:

— Meus amigos, se querem governar governem, que eu sirvo-lhes de ponte, só para me livrar d'estes galfarros!

João Verdades.



Recebemos e agradecemos:

Vitalidade — *Viragem especial* — Director — *Accacio Rosa* — Aveiro, 1 de janeiro de 1897.

Verdadeiramente encantador este numero especial da delicada revista dirigida brihantemente por Accacio Rosa.

Entre as muitas e delicadas composições que se encerram n'este numero, não é facil escolher; porém, não resistimos a mencionar, afóra as mimosas poesias, um suggestivo artiguinho de Alberto Sampaio, intitulado a *Resposta de Ruy Gonçalves*.

Almanach Illustrado para 1897, propriedade de Francisco Pastor. 1896.

Recebemos um exemplar d'este bonito e gracioso almanach, gentileza que muito nos penhora e obriga.

Impresso em fino papel, bem collaborado, o presente annuario merece a mais decidida acceptação; e prova do applauso publico já merecido, é o ter entrado agora no seu 15.º anno, facto entre nós, de veras lisonjeiro se se attender á modestia do nosso mercado.

Discurso proferido na sessão solemne de abertura da Escola do exercito no anno lectivo de 1896-1897, por Francisco Felisberto Dias Costa (capitão de engenharia, lente da 5.ª cadeira) Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

Temos presente esta formosissima oração, á qual em tempo a imprensa periodica se referiu com merecido elogio; o *Discurso* não é uma de-clamatoria banal e vulgar, como tantos outros, tem muito e muito de ensinador na sã doutrina que expende, toda estímulo a estudantes e professores. N'elle ha muito que aprender.

Relatorio e contas do asylo das orphãs desvalidas da freguezia de Santa Catharina. Lisboa 1896.

O presente relatorio foi lido na sessão solemne do trigésimo oitavo anniversario da inauguração do mesmo asylo, no 1.º de janeiro de 1896, e distribuído no mesmo dia do presente anno.

N'elle veem insertos não só o relatorio annual como as varias poesias e discursos pronunciados por occasião da referida sessão solemne.

Na parte administrativa do asylo, muito ha a louvar a prestimosa direcção que o geriu, o que fazemos com o mais vivo prazer.

De Cara Alegre por Alfredo Mesquita.—Porto, Livraria Chardron, 1897.

O presente livro, de elegante formato, de cuidada impressão em magnifico papel, offerece leitura agradável, amena e por vezes docemente commovedora, graças ao estylo, ora suave ora vigoroso com que está escripto.

Alfredo de Mesquita firma mais uma vez no livro *De Cara Alegre* a sua individualidade moça e impressionista, entusiasta ou reflectida, mas sempre sincera; e de aqui o poder se notar no presente trabalho uma certa ingenuidade, antinómica com a acerada ironia do titulo do livro, mas que o leva por vezes a repetir factos estafados e conhecidos.

Sobre anedoctas vulgares mas typicas de varios excéntricos, bordou delicadamente alguns capitulos; sobre impressões tão proprias quão sinceras

de respeito e admiração, bosquejou umas paginas cheias de vigor e que conseguem prender quando mesmo o assumpto nunca poderia interessar.

Como os variados capitulos se ligam entre si é que não podemos dizer, porque sem ligação apparente ella é apenas ideal e no livro falla-se de mil cousas, sem que uma synthese as venha condensar. O que pretendeu attingir o auctor com este seu livro não é facil de perceber, porque evidentemente não marca nem uma orientação, nem define um genero, ou uma época.

Alfredo Mesquita auxiliado pelo seu talento e fina maneira de escrever, no livro *De Cara Alegre* apenas publicou mais um volume, pois que este seu trabalho não nos parece possa suggerir obras de vulto nem prenunciar qualquer movimento litterario que o acompanhe.

É, pois, o presente trabalho de Alfredo de Mesquita um de aquelles que nem adiantam nem atrazam a reputação litteraria de qualquer auctor; não que revele estacionamento, mas porque a forma é tão ligeira e os assumptos são tão vulgares que não logram sensação nem impôr-se, e, todavia, mostra talento, leitura, e raras facultades de litterato, as quaes applicadas ao romance moderno, á chronica e outros generos pôde dar muito, sendo justo penhor e garantia de triumpho os trabalhos litterarios porque Alfredo Mesquita é já conhecido.

Acompanha o livro uma delicadissima dedicatória ao nosso prezado director, Caetano Alberto, phrases que em seu nome muito agradecemos.

A Campanha de Africa e o Maneta Silva por C. N. — Lisboa, 1896.

O AUTOMOBILISMO



CARROS «LE BLANT»

É um folheto nitidamente impresso, em que se reivindica para o maneta Antonio Manuel da Silva o justo quinhão que lhe pertence na gloriosa campanha de Africa contra os vatuas.

O maneta Silva, homem bastante conhecido da lingua cafreal e bastante pratico do districto de Lourenço Marques, prestou ahi relevantes serviços aos seus compatriotas. A coragem e á valentia que possui se deveram alguns dos triumphos alcançados sobre os rebeldes.

É, pois, um desaggravo do injusto esquecimento a que o votaram o presente folheto impresso em Lisboa.

O poder destructivo das balas das armas de calibre 6,5 millimetros, sobre os corpos animados. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

Havendo-se suscitado duvidas sobre o poder destructivo das balas usadas pelo nosso exercito, que são do calibre de 6,5 millimetros, o ministro de guerra, sr. Moraes Sarmento fez publicar pela sua secretaria, o presente trabalho, assaz concludente e demonstrativo da efficacia das balas de 6,5 millimetros.

Por elle se vê que a Hollanda, a Noruega, a Roumania e a Italia possuem armas de 6,5 millimetros, cujos resultados essas nações reconhecem como praticos.

A propria America do Norte se contenta com o calibre 6 millimetros, adoptado ha pouco, e isto prova que Portugal não está mal provido com o calibre que emprega.

Contemporaneos illustres. Fasciculo II, por J. B. Amancio Garcia, Bombaim, typ. Albert Printing Works. 1896.

Quando recebemos o 1.º fasciculo, d'esta publicação, tivemos occasião de prestar a devida homenagem á erudição e ao elegante estylo do auctor.

Este segundo fasciculo, que contém cerca de 100 paginas, em magnifico papel nitidamente impressas, trata do esboço biographico de Bernardo Francisco da Costa o fundador da imprensa em Goa, onde em 1859 publicou o *Ultramar*, e iniciador de uteis melhoramentos na India, pelos quaes merece eterno preito dos seus conterraneos O trabalho do sr. Amancio Garcia é erudito e interessante.

O arresto por João Baptista Gomes, advogado de profissão, Bombaim; typ. Albert Printing Works, 1896.

No presente livro o sr. Baptista Gomes trata de analysar com subido criterio os elementos juridicos do arresto. N'este trabalho evidencia verdadeiras qualidades de juriconsulto, argumentando bem, pondo as questões com facilidade e analysando com critica propria, mostrando conhecer os estudos civilistas mais adiantados, tanto nacionaes como estrangeiros o que representa trabalho e profundo estudo.

Cinzas por Queiroz Ribeiro, 1896. Antonio Maria Pereira, editor. Lisboa.

É um gracioso poema lyrico, onde se engrinaldam as mais formosas composições, cheias de verdadeiro sentimento, constituindo uma leitura agradável e docemente emocionante.

Ao leitor dado á boa poesia indicamos o presente livro de Queiroz Ribeiro, porque representa uma obra poetica de subido merito. A parte VI, intitulada *Meu Pae* é talvez a mais sentida de todo o livro, mas em belleza não soffre primazias esta ou outra divisão do poema.

O producto da venda d'este livro é destinado a uma obra meritoria, o que maior encanto lhe dá por se achar fóra do mercantilismo vulgar.

Interpretação de diversos artigos do Código Civil Portuguez, por Alfredo Leite Miguens, Setubal — 1896.

N'este folheto, o sr. Miguens propõe a seguinte questão:

«Estará na letra e no espirito da lei que se deva exigir caução, indistinctamente, a todos os paes que passam a segundas nupcias e aos quaes, do primeiro matrimonio, ficaram filhos cujos bens usufruem?»

E com os artigos do código civil, claramente interpretados e criticados, o sr. Miguens prova que não está no espirito da lei a substanciada pergunta.

É, pois, um folheto interessante, tratando de uma questão importante para os poderes publicos e para os paes de familia.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d' Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39